ANAIS
IV EURO ELECS
2021

ARTIGO

APEGO DO IDOSO AO LUGAR: EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

RODRIGUES, Gabriela V.
(gabrielavargasrodrigues@hotmail.com)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

AZEVÊDO, Viviane R. de
(vivianeazevedo.arq@gmail.com)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil

COSTA, Angelina
(angelinadiasleaocosta@gmail.com)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

DIAS, Liêssa de P.
(liessa_dias@hotmail.com)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

DUARTE, Imara
(imara.duarte@gmail.com)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

FÉLIX, Lilian L.
(lilianlfelix@hotmail.com)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Brasil

GUERRA, Luis G.
(luisg.guerra@outlook.com)
Faculdade Boa Viagem (UNIFBV), Brasil

PALAVRAS-CHAVE:

Apego ao lugar, Idoso, Acessibilidade, Ambiente construído, COVID-19

RESUMO

Este artigo relata a experiência de oficina temática ocorrida em disciplina de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo com foco na relação pessoa-ambiente. O apego ao lugar, bem como questões teóricas e conceituais acerca de pessoa idosa e acessibilidade, que foram investigadas por meio de revisão de literatura, e abordadas a partir da ótica do idoso em relação a espaços de vivência. Objetivou-se levantar e analisar as percepções físico-espaciais e simbólicas de idosos freqüentadores de uma associação, a fim de discutir o impacto da pandemia do COVID-19 em sua relação com aquele ambiente construído. Para levantar os impactos da pandemia na vivência dos idosos na referida associação, foram administradas entrevistas semiestruturadas. Os depoimentos dos idosos foram analisados considerando os conceitos propostos inicialmente, em cenários antes e durante a pandemia, revelando o impacto psicológico devido a alterações no uso do ambiente construído. Os resultados revelaram que os idosos têm forte apego ao lugar, e houve mudanças significativas causadas pela pandemia quanto à fruição do ambiente, por exemplo a impossibilidade de socialização, convívio e lazer dos associados.

1. INTRODUÇÃO

A população idosa mundial tem aumentado significativamente, demandando maior empenho dos atores sociais, e com isso, confronta os valores e compromissos da sociedade contemporânea com os direitos humanos perante os ideais capitalistas (Mendonça, Abigalil, Pereira, Yuste, & Ribeiro, 2021). Entendendo o envelhecimento como o processo de perda gradativa da acuidade perceptiva e cognitiva inerente aos humanos (Brasil, 2006), faz-se necessário buscar soluções para melhorar a qualidade de vida desta população, tendo em vista sua importância social e cultural. Destaca-se neste aspecto, fatores que influenciam esta melhoria como a qualificação do ambiente físico e a preservação dos círculos sociais e aspectos afetivos (Elali & Medeiros, 2011; Who, 2005).

Enquanto indivíduos dotados de percepção espacial, evidencia-se os vínculos criados com os ambientes, em uma inter-relação intrínseca, onde molda-se e é moldado de acordo com espaços experienciados. Conforme Cavalcante e Mourão (2017) as perguntas "Quem somos?" e "onde nós estamos?" se complementam. À vista disso, as pessoas possuem a necessidade de estarem situadas, por isso, qualificam e estruturam seus espaços, dotando-os de significados de acordo com o tempo, o que pode ser entendido como lugar (Tuan, 2011). Fugindo das abstrações objetivistas, o lugar assume um significado subjetivo, estando diretamente atrelado às relações entre pessoas e espaços.

Tais relações influenciam diretamente o conforto ambiental, seja ele material ou subjetivo, e distinguem-se das demais relações, seja com objetos ou outras pessoas, sucedendo ao apego ao lugar (Giuliani, 2003). Este tipo de vínculo, além de dinâmico em relação ao tempo, pode ser entendido através de três dimensões: funcional, simbólica e relacional (Cavalcante & Mourão, 2017).

Apego ao lugar remete a espaços que permitem a identificação pessoal e a possibilidade de se expressar em grupo social (Macedo, Oliveira, Günther, Alves, & Nóbrega, 2008). Com base nessa perspectiva foi realizado um estudo com idosos freqüentadores da Associação dos Aposentados, Pensionistas e Empregados da CHESF (Companhia Hidrelétrica do São Francisco) e FACHESF (Fundação Chesf de Assistência e Seguridade Social) (APOSCHESF) em Paulo Afonso, na Bahia. Esta instituição tem oferecido apoio administrativo e jurídico, e disponibilizado de espaço de lazer para que os seus associados possam confraternizar, contudo, devido a pandemia, as atividades foram suspensas, impossibilitando o convívio diário.

Tendo em vista o apego ao lugar e as conseqüências do isolamento causado pela pandemia do COVID-19, objetivou-se relatar as percepções físico-espaciais e simbólicas de idosos tomando-se como estudo de caso os freqüentadores de uma associação, a APOSCHESF; a fim de discutir o impacto da pandemia do COVID-19 na relação com aquele ambiente construído.

2. OBJETIVO

Objetivou-se relatar percepções físico-espaciais e simbólicas de idosos freqüentadores de uma associação, a fim de discutir o impacto da pandemia do COVID-19 em sua relação com aquele ambiente construído, através de uma experiência acadêmica.

3. CONCEITOS E A ASSOCIAÇÃO

Destacam-se as temáticas da pessoa idosa, o apego ao lugar e a acessibilidade por meio de uma breve revisão de literatura. Essas temáticas foram abordadas no contexto ao lugar da Associação APOSCHESF, ambiente ao qual os idosos participantes da pesquisa são associados.

3.1 IDOSO

Atualmente, o grupo etário de idosos (60 anos ou mais) corresponde a 14,66% da população brasileira e tende a aumentar esse percentual nos próximos anos (IBGE, 2021). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2008) o mundo está envelhecendo rapidamente e o número de pessoas com 60 anos ou mais corresponderá a 22% da população mundial em 2050, o que significa que haverá mais idoso que crianças na população.

Entende-se como idoso aquele que vive o processo de envelhecimento, dinâmico e progressivo, no qual ocorrem modificações, tanto morfológicas, funcionais e bioquímicas, como psicológicas. Este processo caracteriza-se pela perda progressiva das capacidades de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos (Netto, 2004).

As alterações que ocorrem durante a velhice acarretam degenerações fisiológicas e anatômicas, tais como perda de memória, diminuição da capacidade de locomoção, perda de massa óssea, diminuição de massa muscular, degeneração da estrutura ocular, entre outros (Dorneles, Vielmo, Bins Ely, 2020; Nascimento, 2011). Esses fatores aumentam o risco de agravamento de doenças e ocorrências de acidentes domésticos.

Para diminuir ou retardar tais ocorrências podem ser realizadas intervenções, tais como estimular os idosos a um estilo de vida mais ativo (Nascimento, 2011). Um exemplo é a medida difundida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que defende o envelhecimento ativo em seu Guia Global: Cidade Amiga do Idoso. Este declara que “os idosos, em particular, precisam de ambientes que os apóiem e capacitem, para compensar as alterações físicas e sociais decorrentes do envelhecimento” (OMS, 2008, p. 9).

Neste contexto, correlacionou-se a pessoa idosa, considerando suas características biopsicossociais com o lugar da Associação (APOSCHESF) os quais serão elucidados a seguir.

3.2 APEGO AO LUGAR

É investigado por disciplinas interessadas em analisar as relações entre o homem e o ambiente (físico), o Apego ao lugar trata-se de um conceito complexo e multifacetado, também conhecido como vínculo ao lugar ou *place attachment*. A essência da sua interpretação encontra-se na relação das percepções físico-espaciais e simbólicas atribuídas por um sujeito ou grupo de pessoas sobre um ambiente construído (Elali & Medeiros, 2011).

Essa interpretação, por muitas vezes, esbarra na teoria do apego. Análogo aos laços afetivos que existem entre as pessoas, o apego ao lugar caracteriza-se, dentre outros fatores, pelos sentimentos gerados na relação entre o indivíduo e o ambiente construído. Desta forma, é possível notar diversas similaridades entre a noção de apego ao lugar e a teoria do apego, no entanto, é importante observar que o primeiro se trata de uma abordagem específica e diferenciada quanto às outras formas de apego (Giuliani, 2004). Correlato a este entendimento, Speller (2005) enfatiza que, se de um lado, a teoria do apego busca por padrões de comportamento e vinculação, no contraponto, o apego ao lugar se alicerça nas particularidades dos laços afetivos que há entre diferentes grupos e etnias, e em diferentes momentos da vida.

Segundo Elali e Medeiros (2011), a noção de apego ao lugar pode ser realizada a partir da seguinte tríade dimensional: funcional, simbólica e relacional. No que tange à dimensão funcional, destaca-se o papel do espaço físico enquanto elemento que interfere diretamente no comportamento daqueles que usufruem o ambiente construído (Hidalgo & Hernandes, 2011), podendo gerar tanto uma relação de bem-estar quanto de consternação, a depender dos fatores envolvidos (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

A dimensão simbólica relaciona-se ao conteúdo simbólico e/ou afetivo, sobretudo, "ao conteúdo simbólico de origem sociocultural e individual que atua como intermediário no relacionamento pessoa-ambiente, influenciando o modo como cada indivíduo e/ou grupo compreende e age frente às diferentes situações em que se encontre" (Elali & Medeiros, 2011, p. 55). E, por fim, a dimensão relacional fundamenta-se na ligação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente construído por meio do qual, a partir da conexão cognitiva e afetiva existente entre pessoa e ambiente, vem contribuir na construção da identidade pessoal e comunitária do cidadão. Nesse sentido, "o sentimento de comunidade surge a partir do momento que a pessoa se percebe como pertencente a um grupo e a um lugar específico, entendendo que há uma relação única entre ambos" (Elali & Medeiros, 2011, p. 56).

Destarte, a partir desta tríade dimensional, foi possível construir uma aproximação entre a noção de apego ao lugar e as percepções físico-espaciais-simbólicas relatadas pelos idosos sobre o lugar estudado.

3.3 ACESSIBILIDADE

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) na NBR 9050 define o termo acessibilidade, como "possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação" (ABNT, 2020, p. 16). A este conceito se aplica uma ampla possibilidade de tratar os fundamentos técnicos da acessibilidade, focamos então em uma abordagem específica ao ambiente construído, em particular a relação do usuário idoso com o ambiente. Os idosos fazem parte do grupo de pessoas com mobilidade reduzida que sofrem pela dificuldade de locomoção e movimentação. Em termos gerais a acessibilidade deve proporcionar a condição de acesso dessas pessoas aos locais assim como garantir a utilização dos ambientes e o manuseio dos objetos. Toda locomoção e movimentação devem ser realizadas de forma autônoma, com segurança, sem que seja necessária a interferência de outras pessoas (Brasil, 2006).

Considerando a importância da acessibilidade para inclusão social desse grupo Dorneles, Vielmo e Bins Ely (2020) abordam os problemas comuns às pessoas idosas que são responsáveis pela causa de suas restrições e correlacionam com os aspectos e soluções que arquitetura pode proporcionar aos ambientes para melhorar a qualidade vida dessas pessoas durante a utilização dos espaços. Destacam-se como principais necessidades espaciais: Iluminação adequada, campo de visão livre, caminhos definidos, desníveis em cores diferentes do passeio, legibilidade nas sinalizações, estudo dos ruídos nos ambientes, rampas e escadas com patamares de descanso, área de circulação sem obstáculos, ventilação, sombreamento e temperatura estáveis nas áreas de estar.

Apesar de todos os critérios técnicos estabelecidos nas normas de acessibilidade serem atribuídos ao ambiente é importante destacar que segundo Duarte e Cohen (2018) o espaço só será considerado totalmente acessível no momento em que for apto a produzir a impressão de acolhimento aos seus utilizadores. Desenvolvendo o conceito de Acessibilidade Emocional como a "Capacidade do Lugar de acolher seus visitantes, de gerar afeto, de despertar a sensação de fazer parte do ambiente e de se reconhecer como pessoa bem-vinda". Considerando então que acessibilidade física não seria suficiente para promover a empatia espacial e uma experiência agradável com o ambiente, sendo necessário considerar os aspectos emocionais para plena acessibilidade do espaço. A partir das observações realizadas foi possível identificar na Associação uma preocupação com usuário idoso, através da aplicação de aspectos da acessibilidade espacial, com a utilização de rampas, piso tátil, barra de apoio, rebaixamento das calçadas e sinalização de vagas reservadas para veículos que conduzam ou sejam conduzidos por pessoas com deficiência.

3.4 A ASSOCIAÇÃO

A Associação dos Aposentados, pensionistas e empregados da CHESF e FACHESF (APOSCHESF), fundada em 1985, atua defendendo e assessorando os direitos dos seus associados, além de promover socialização e "coleguismo" dos mesmos. Em Paulo Afonso, na Bahia, a Associação foi inaugurada em junho de 1989 e ocupa, desde então, um prédio cedido pela Companhia Hidroelétrica do Vale do São Francisco localizado no centro da cidade, próximo a instituições bancárias e praças. O edifício possui cerca de 200m^2 e conta com salões de jogos e convivência, salas administrativas e banheiros, atende mais de 900 associados (APOSCHESF, 2021). A filial se destaca pela participação diária dos sócios nas atividades de lazer. Após o início da pandemia do COVID-19, as atividades diárias foram suspensas, limitando o acesso aos atendimentos administrativos previamente agendados.



Figura 1. APOSCHESF, 2021.

4. METODOLOGIA

4.1 SENSIBILIZAÇÃO – FILME UP

Como parte introdutória da oficina foi realizada uma sensibilização com a turma a fim de aproximar os participantes à temática da pessoa idosa. Para tanto, foi apresentado em forma de vídeo uma edição do filme UP - Altas Aventuras, lançado em 2009 (Riviera & Docter, 2009). A edição, realizada pelos autores do presente trabalho, explicita trechos que destacam as mudanças na capacidade de mobilidade com o avanço da idade, alterações físicas e psicológicas e o apego ao lugar. Esses trechos introduzem os principais temas a serem tratados durante a oficina, além de ambientar quanto à realidade do idoso.

4.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Nesta pesquisa, foi utilizada a entrevista semiestruturada, por meio da qual o "entrevistado tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada" (Michel, 2009, p. 68-69). A entrevista foi roteirizada, a fim de compreender alguns temas específicos.

Com o roteiro semiestruturado adotado, pretendeu-se obter informações sobre sentimentos, percepções e comportamento ambiental dos usuários, com foco nos atributos positivos e negativos do ambiente que fossem relevantes do ponto de vista do entrevistado e que favorecessem a apropriação e a vivência do local. Entre os tópicos perguntados, incluem-se: definição da pandemia; e definição da Associação antes e durante a pandemia. O roteiro da entrevista se encontra na Tabela 1.

Nome Idade Tempo de Associado
Qual o espaço/atividade que você mais gosta na Associação? Descreva a Associação em três palavras/ sentimentos. Qual a motivação de fazer parte da Associação e partilhar vivências com os outros idosos?
Defina a COVID-19 em 3 palavras; Defina a APOSCHESF ANTES da pandemia; Defina a APOSCHESF DURANTE a pandemia;

Tabela 1. Perguntas feitas para os Associados.

Foram entrevistados seis aposentados e uma funcionária da associação (com idade média de 65,25 anos), com o intuito de entender quais as percepções físico-espaciais e simbólicas, a fim de discutir o impacto da pandemia do COVID-19 em sua relação com aquele ambiente construído.

Os depoimentos dos idosos foram analisados em conjunto, correlacionando os dados das diferentes perspectivas. Para tratamento dos dados das perguntas abertas, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo que consiste em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação (Bardin, 2011). Em seguida foi utilizado o método heurístico de análise denominado "nuvem de palavras", para avaliação dos adjetivos apontados pelos respondentes provenientes das perguntas abertas. Na visualização da nuvem de palavras, cada palavra apresenta um tamanho de acordo com a relevância e a quantidade de vezes em que ela foi apontada.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A entrevista foi elaborada de modo a permitir a caracterização da percepção dos idosos em relação à referida associação, através de perguntas envolvendo o tempo de associado, o espaço/atividade que mais gosta, os sentimentos em relação à Associação, motivação de fazer parte do grupo, definição da pandemia e referen-

tes ao convívio antes e durante a pandemia. As entrevistas foram realizadas presencialmente e por ligação telefônica. As entrevistas permitiram a aproximação do pesquisador com os entrevistados e auxiliou o entendimento da relação dos aposentados com o lugar. Os espaços mais citados como preferidos foram o salão social, a atividade de jogar sinuca, biblioteca, participar na área administrativa e sala de jogos.

As nuvens de palavras (figuras 2 e 3) ilustram os sentimentos que o lugar provoca e as motivações para se freqüentar a Associação, respectivamente. Ambas elucidam sentimentos provocados nos usuários em relação ao lugar. Indicando que o ambiente construído atua como ferramenta de linguagem e que "a arquitetura elabora e comunica idéias do confronto carnal do homem com o mundo por meio de emoções plásticas" (Pallasmaa, 2011, p. 43).

Os sentimentos elucidados por idosos foram Apoio, satisfação e valorização; Companheirismo, participação e aprendizado; União, pertencimento e amigos; Encontro dos que fizeram a CHESF; Apoio aos associados; Companheirismo, participação e aprendizado; Já foi melhor; e Integração, amigos e alegria. E as motivações quanto freqüentar o lugar foram: Além do apoio, o reencontro com os ex-chesfianos; Preencher o tempo com novos aprendizados; Encontro com os amigos; Para ter na sociedade uma representação e cuidar dos seus interesses; Ter uma consideração com os amigos; Preencher o tempo com novos aprendizados, evitando distanciamento próprio a idade; Reuniões, encontro com os amigos, animação para os aposentados; e Por unir os aposentados, mata a saudade dos amigos, tem informações como plano de saúde, previdência. Enfim, um lazer.



Figura 2. Sentimentos sobre o lugar



Figura 3. Motivações para freqüentar o lugar

Atentando para as perguntas referentes à pandemia, foram realizadas nuvens de palavras (figuras 4, 5 e 6) para melhor ilustrar os sentimentos provocados e as mudanças do ambiente construído antes e durante a pandemia. A imagem 4 se refere às respostas dos idosos quanto à definição da pandemia, onde observamos que os sentimentos de isolamento / distanciamento, medo, saudade e insegurança foram comuns.

Quanto à definição da pandemia pelos associados, as respostas foram: Medo, perdas e distanciamento; Distanciamento, difícil, saudade; Casa, higiene e álcool; Cas-

tigo divino do céu; Vírus, aglomerações e transmissões; Distanciamento, saudade, solidão; Tristeza, raiva e medo; e Tristeza, ansiedade e insegurança.



Figura 4. Definição da pandemia por Associados.

Resultado semelhante nas respostas também foi encontrado quanto às perguntas: "Defina a Associação antes e durante a pandemia". Onde, na Figura 5, as definições positivas de descoberta, descanso, alegria, relaxamento foram levantados por idosos. E na figura 6 definições negativas referentes ao cenário durante a pandemia como: distanciamento / isolamento / afastamento e medo / tristeza / solidão.

Quanto às perguntas sobre definições em relação da associação antes da pandemia as respostas foram: Encontro, palestras e conversas; Incerteza, angústia e descobertas; Nosso, patrimônio e encontro; Lazer, ginástica e leitura; Reunião, palestras e lazer; Incerteza, angústia e descobertas; Festa, animação e diversão; e Alegria, diversão e encontro. E com relação a definição dos espaços durante a pandemia: Esperança, agendamentos, fugidinhas; Distanciamento, comunicação, saudade; Afastamento, cuidado e proteção; Agendamento, atendimento e quarentena; Fechamento, aglomeração e atendimento; Distanciamento, comunicação e saudades; inutilizado, esperança e cuidado; e Tristeza, medo e insegurança.



Figura 5. Definição da Associação antes da pandemia por Associados.



Figura 6. Definição da Associação durante a da pandemia por Associados.

Durante o desenvolvimento da oficina proposta em sala de aula, foi possível discutir as percepções dos Associados com os conceitos de Apego ao Lugar e Acessibilidade sobre o espaço da Associação. Os associados assimilam ao espaço físico

da associação a sentimentos como socialização, lazer e apoio, o que se aproxima às dimensões funcional, simbólica e relacional propostas por Elali & Medeiros (2011)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização do estudo, evidenciou-se que a qualidade do ambiente percebido afeta diretamente as percepções, sensações e comportamento dos usuários. Que, por meio das entrevistas foi possível verificar que houve significativas mudanças causadas pela pandemia quanto à utilização do espaço, a exemplo da impossibilidade de socialização, convívio e lazer dos associados, de modo presencial. Os depoimentos dos idosos foram analisados em conjunto, correlacionando os dados das diferentes perspectivas.

Evidenciamos a importância da didática com a experiência acadêmica proposta de oficinas temáticas, que envolveram a questão social, juntamente com os conceitos teóricos que permitiram a aproximação de estudos de usuários e ambientes construídos, apesar do momento de isolamento social devido à pandemia do COVID-19.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (2020). NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

Associação dos aposentados da CHESF (APOSCHESF) (2021). Histórico. Disponível na internet por https:// em: <www.aposchesf.com.br/sobre-nos/historico/>. Acesso em 07 abr. 2021.

Bardin, L. (2011). Análise do Conteúdo. São Paulo: Almedina.

Brasil. (2006). Programa brasileiro de acessibilidade urbana. Brasil Acessível: Caderno 2. Ministério Das Cidades. Brasília. Disponível em: <https://www.sinaldetransito.com.br/normas/programa_ brasileiro_de_acessibilidade_urbana.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

Cavalcante, S.; Mourão, A. R. T. (2017). Identidade de Lugar. IN: Cavalcante, S.; Elali, G. A. (orgs). Temas Básicos em Psicologia Ambiental. pp. 172-178. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. P. 172-178

Dorneles, V. G.; Vielmo, G.; Bins Ely, V. H. M. (2020). Envelhecimento e arquitetura: As necessidades espaciais dos idosos em espaços abertos. Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, Pelotas, v.4, n.13, out.

Duarte, C. R. S.; Cohen, R. (2018). Acessibilidade Emocional. In: VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído, v.4, n.2, p.6-10, 2018. Anais... Fortaleza: Blucher Design Proceedings.

Elali, G. Z.; Medeiros, S. T. F. (2011). Apego ao lugar (vínculo ao lugar – Place attachment). IN: Cavalcante, S.; Elali, G.A. (orgs). Temas básicos em Psicologia Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 53-62.

Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, and M. Bonaiuto (Eds.), Psychological theories for environmental issues (pp. 137-170). Aldershot: Ashgate.

Giuliani, M.V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In: Tassara, E.; Rabinovich, E.; Guedes, M.C. (orgs.). Psicologia e ambiente. São Paulo: Educ.

Hidalgo, M.; Hernandes, B. (2011). Place Attachmente: Conceptual and Empirical Questions. Journal of Environmental Psychology, 21, p. 273-281.

Ibge (2021). Projeção da população. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>,

Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. D. A., Alves, S. M., & Nóbrega, T. S. (2008). O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos?.*Psicologia: Teoria e pesquisa*, *24*(4), 441-449.

Mendonça, J. M. B. D., Abigalil, A. P. D. C., Pereira, P. A. P., Yuste, A., & Ribeiro, J. H. D. S. (2021). O sentido do envelhecer para o idoso dependente. *Ciência & Saúde Coletiva*, *26*, 57-65.

Michel, M. H. (2009). Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas. São Paulo: Atlas.

Nascimento, M. S. (2011). Idosos, seu processo de envelhecimento e suas fragilidades: um desafio para toda equipe. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Formiga. 51f. Monografia (Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família).

Netto. F. L. M. (2004). Aspectos biológicos e fisiológicos do envelhecimento humano e suas implicações na saúde do idoso. Rev. Pensar a Prática 7: p. 75-84.

Organização Mundial de Saúde. (2008). Guia Global: Cidade Amiga do idoso. Geneva: WHO. 67 p.

Pallasmaa, J. (2011). Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. Porto Alegre: Bokman.

Riviera, J. (Produtor) &Docter, P. (Diretor). (2009). *Up* [Motion Picture]. Estados Unidos: *Disney/Pixar*.

Speller, G.M. (2005). A importância da vinculação ao lugar. In: Soczka, L. (org). Contextos humanos e Psicologia Ambiental. Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 133-167.

Tuan, Y. F. (2011). Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, *1*(1), 4-15.

Twigger-Ross, C.L.; Uzzell, D.L. (1996). Place and Identify Process. Journal of Environmental Psychology, 16, p. 205-220.

World Health Organization. (2005). Envelhecimento ativo: uma política de saúde.